

TRABALHOS DOMÉSTICOS E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DA FAMÍLIA: UMA QUESTÃO DO GÊNERO FEMININO?

Camila Ferreira Rodrigues Pereira¹, Cláudia Roberta Bocca Santos², Giane Moliari Amaral Serra².

1- Especialista em Segurança Alimentar e Nutricional - CESAN/UNIRIO.

e-mail: camilafpr@hotmail.com

2- Professora, Departamento de Nutrição em Saúde Pública, Escola de Nutrição, UNIRIO.

Palavras chaves: segurança alimentar e nutricional, coronavírus, rotina alimentar, feminismo.

INTRODUÇÃO

É comum associar o trabalho doméstico ao gênero feminino, pois a cultura patriarcal conjugal assim o definiu historicamente¹. Entende-se o patriarcado como o sistema social que mantém os homens no poder, modificando a relação entre os gêneros, reprodução e questões da sexualidade feminina colocando a mulher em um papel serviçal ao homem².

Segundo Hirata³, a responsabilidade majoritária ou total da criação dos filhos e do trabalho doméstico (cozinhar, lavar, passar, arrumar e muitas vezes prover) permanece, predominantemente, a cargo das mulheres, principalmente em se tratando de determinadas classes sociais, pois o trabalho de cuidado ainda é dividido de maneira desproporcional entre as classes, gêneros e origem social. Esta relação de desigualdade entre os gêneros afeta diretamente o ambiente alimentar domiciliar, pois influencia no ato de comprar e cozinhar os alimentos, abrindo uma janela de oportunidade para a oferta, pela indústria de alimentos, de refeições pré-prontas ou de rápido preparo, o que pode comprometer a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) da família.

Esse trabalho tem como objetivo analisar a percepção de mães universitárias quanto à relação entre a divisão sexual do trabalho doméstico e a promoção da SAN no ambiente alimentar domiciliar.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de caráter quali-quantitativo do tipo bibliográfico, documental e exploratório, pois envolveu a análise de estudos e produção de conhecimentos, assim como incluiu a etapa de coleta e análise de dados referente à rotina das mulheres mães e a manutenção da SAN dentro do ambiente domiciliar.

A pesquisa foi realizada com mães universitárias, maiores de idade e matriculadas nos cursos de graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Os dados foram coletados entre os dias 31 de julho a 31 de agosto de 2020 e, conseqüentemente, englobou a pandemia de COVID-19 causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), que resultou em mudanças drásticas na rotina doméstica. Devido a isso, foram incluídas perguntas gerais e específicas sobre o contexto da pandemia, pela hipótese de que a COVID-19 intensificou a jornada múltipla da mulher.

Realizou-se a coleta a partir de um formulário autopreenchido on-line sobre práticas e cuidados com a família disponibilizado por meio da plataforma Google Forms. O formulário foi semiestruturado, contendo perguntas fechadas, que buscaram informações de identificação ou classificação, e questões abertas, que permitiram que as participantes da pesquisa comentassem abertamente sobre o tema em questão.

Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO (Número do Parecer: 4.052.801).

RESULTADOS

Segundo os dados obtidos com a PROGRAD-UNIRIO (Pró-Reitoria de Graduação da UNIRIO), 11.245 mulheres compõem o quadro de graduandas na UNIRIO e, dentre elas, 215 mães participaram da pesquisa respondendo ao formulário. No tocante às 11.030 graduandas da UNIRIO que não aderiram à pesquisa, não foi possível quantificar quantas delas também são mães, pois não há qualquer forma de registro dessa informação no cadastro de estudantes.

As participantes do estudo foram mulheres com idade entre 20 e 60 anos, 67,4% delas possuem um companheiro (a), 43,3% se identificam da cor/raça branca, em média dividem a casa com mais duas pessoas, em sua maior parte são moradoras da zona norte do Rio de Janeiro, sendo 39,5% matriculadas no turno integral e 39,1% no noturno e 21,4% no turno vespertino. Ao analisar as respostas das participantes foi observado que, apesar de encontrarmos um grupo com rotinas distintas, na maior parte dos casos a responsabilidade das tarefas domésticas recai sobre elas, principalmente quando se diz respeito à alimentação da família. Mesmo as que contam com suporte, seja do companheiro ou outra pessoa, confirmaram que se sentem sobrecarregadas. Desse modo, foi possível notar a partir dos relatos das participantes, que a mulher é sobrecarregada física e mentalmente, visto que ela deve se desdobrar para dar conta de todas as tarefas e muitas vezes abdicam do bem-estar próprio.

O cuidado no começo da vida é essencial, por isso as mães se dedicam integralmente aos cuidados dos filhos, muitas vezes privando-se de atividades comumente vistas como naturais, como por exemplo, o próprio emprego. Este dado é confirmado em nosso estudo, onde 43,7% das participantes tiveram a necessidade de deixarem seus empregos após tornarem-se mães. Por outro lado, 56,3% das mulheres permaneceram em seus empregos após a maternidade e este grupo afirmou que a volta ao trabalho após licença-maternidade (quando existente) tem, além do obstáculo de manter-se no mercado de trabalho, o de garantir amamentação adequada para a criança. As mães também responderam acerca da rotina alimentar da família e como a preparação dos alimentos era pensada. A partir desses relatos, conclui-se que a mulher é a responsável e administradora do lar no quesito segurança alimentar:

Nos preocupamos com uma alimentação balanceada e saudável, mas com a queda da renda, está ficando cada vez mais complicado. (...) Devido à alta da carne, está difícil comprar a quantidade necessária mensal, então o consumo de alimentos processados (...) tiveram que ocupar mais espaço na alimentação diária. (M7, grifo nosso).

Eu e meu marido não temos o hábito de cozinhar, **porém acho importante que tenhamos uma alimentação balanceada**, principalmente meu filho que tem 5 anos, então nós pagamos mensalmente um restaurante que nos fornece uma "marmitta" diariamente. (M21, grifo nosso).

A partir dessas falas, é perceptível que a alimentação para essas mulheres é um ponto importante a ser considerado na rotina do lar. Mesmo as que não executam a preparação dos alimentos, estão de alguma forma envolvidas no processo do planejamento alimentar familiar,

como a compra de refeições prontas. A alimentação fora do lar pode ser mais conveniente no quesito tempo, porém reforça a ausência da prática de cozinhar. Com a indústria propondo produtos cada vez mais rápidos de serem consumidos, a procura por produtos industrializados cresce e retira do âmbito familiar o interesse pelo ato de cozinhar⁴.

Devido à pandemia causada pelo novo Coronavírus, a maioria das pessoas passou a realizar todas as refeições em casa, gerando uma maior demanda de preparação dos alimentos que, na maioria das vezes, é responsabilidade das mulheres. De acordo com um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) realizado em 2020⁵, durante a pandemia, 26,4% das mulheres afirmou o aumento do trabalho doméstico, mais que o dobro dos homens, 13,1%. Segundo Souza⁶, conforme a vida passou a acontecer, em sua totalidade, dentro dos lares, a sobrecarga mental e braçal aumentou exponencialmente para o gênero feminino. A pandemia também ocasionou a adaptação e mudança nos hábitos alimentares. De acordo com os dados apresentados por BIANCONI *et al.* na pesquisa feita com mulheres, 40% delas responderam que a pandemia colocou em risco o sustento da casa devido a diminuição do orçamento familiar⁷. Isso ocasionou uma mudança nas práticas alimentares das famílias, pois as compras tiveram que ser adequadas ao novo orçamento familiar.

CONCLUSÃO

As respondentes são as principais promotoras da alimentação em seus lares e, em função da sobrecarga, se vêem obrigadas a recorrer a alimentos ultraprocessados, trazendo implicações para a SAN, não apenas em função da composição nutricional destes alimentos, como também pela própria perda da identidade culinária, da prática do cozinhar, da cultura alimentar. Os achados deste estudo buscam sinalizar as implicações da divisão sexual do trabalho doméstico na situação de SAN da família, buscando contribuir para o debate e, de forma alguma, culpabilizar ainda mais a mulher. Não é admissível, no contexto contemporâneo, a associação histórica de que o gênero feminino ainda seja o responsável majoritário pela execução dos trabalhos domésticos e sem o devido reconhecimento, porém essa é a incômoda realidade.

REFERÊNCIAS

- 1- BIROLI F. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo; 2018.
- 2- AGUIAR N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. Rev. Sociedade e Estado. 2000; 15(2): 303-330.
- 3- HIRATA H. Gênero, classe e raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Rev. Tempo Social. 2014; 26(1): 61-73.
- 4- POULAIN JP. Sociologias da Alimentação – os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: UFSC; 2013.
- 5- OLIVEIRA C et al. Estudo da Fiocruz mostra que mulheres são mais afetadas pela pandemia. Rede Brasil Atual, São Paulo, 2020 27 maio.
- 6- SOUZA MD. Diante da pandemia, mães se desdobram ainda mais para dar conta de família e trabalho. Brasil de Fato, São Paulo, 2020 10 maio.
- 7- BIANCONI G et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. São Paulo, Gênero e Número; Sempreviva Organização Feminista, 2020.